

A MULHER PRETA E SEU AFÃ: UMA LEITURA DECOLONIAL DE “SWEAT”, DE ZORA NEALE HURSTON

Auricélio Soares Fernandes¹
Giovane Alves de Souza²

RESUMO

O pensamento decolonial tem ganhado cada vez mais espaço dentro do meio acadêmico, viabilizando a leitura de novas produções literárias, bem como revisitando as canônicas sob outras perspectivas. É com base nisso que neste trabalho objetivamos fazer uma leitura feminista de “Sweat” (1926), da autora Zora Neale Hurston. Para tal, utilizamos das contribuições de Vergès (2020), Davis (2016), Collins (2016), dentre outro(as). Nosso estudo propõe que a voz das mulheres pretas e suas idiossincrasias traz consigo um olhar específico às opressões de gênero, raça e classe e que, numa perspectiva decolonial, decentralizam e evidenciam as noções hegemônicas de dominação.

Palavras-chave: Feminismo, Pensamento Decolonial, Zora Neale Hurston.

Considerações iniciais

Nascida em Notasulga, Alabama, Zora Neale Hurston (1891 – 1960) foi uma romancista, contista e antropóloga estadunidense conhecida, em maior grau por sua obra *Seus olhos viam Deus* (1937), dentre outros trabalhos. Pesquisava sobre o folclore caribenho e afro-americano e, graças ao seu conhecimento em Antropologia, usava desses estudos como alicerce para a sua produção literária.

Junto a Langston Hughes, W. E. B. Du Bois, Hurston foi uma das figuras expoentes do *Harlem Renaissance*, movimento modernista que provocou grande agitação cultural na década de 1920 nos Estados Unidos. Prezava-se, neste movimento, pela liberdade de forma e conteúdo, possibilitando a autores da comunidade afro-

¹ Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (UEPB) na área de Estudos Comparados (Linha de Pesquisa de Literatura, Cultura e Tradução). Graduado em Letras - Habilitação em Língua Inglesa (2011) pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente é Professor Adjunto I de Língua e Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba (Campus III, Guarabira - PB). E-mail: asf@servidor.uepb.edu.br

² Mestre (2021) pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB – conceito CAPES 4), Especialista (2022) em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica e Graduado em Letras – Inglês (2018) pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: giovaneuepb1@gmail.com

americana escrever tomando como mote as individualidades de pessoas pretas, tais como os dialetos, e quebrando com formas tradicionais de produzir literatura.

Após o declínio dos ideais modernistas que alavancaram o *Harlem Renaissance*, a autora viu sua carreira cair na obscuridade. Ela, que tanto buscava dar protagonismo às pessoas pretas, movendo os debates acerca da representação dessa população na literatura e sobre suas vivências sempre marcadas por um conjunto complexo de opressões, acabou trabalhando como doméstica em seus últimos anos de vida e falecendo nos anos 1960, no início da década considerada ápice do Movimento pelos Direitos Civis.

Gates (1995, p. 285), ao discorrer sobre os percursos que a carreira e vida da autora tomaram, afirma que a obscuridade pela qual passou a sua carreira não necessariamente reflete “qualquer deficiência de visão ou ofício, mas sim suas instâncias políticas firmemente independentes”. E nesse contexto é pensando em trazer à luz tais instâncias políticas que, neste texto, nos propomos a realizar uma leitura de “Sweat” (1926)³, embasados no feminismo decolonial.

Para tanto, inicialmente tratamos, apoiados em Vergès (2020), dos preceitos deste campo de estudos tão recente e que vem se afluando nos últimos anos. Com Oyěwùmí (2020), trazemos à tona, também, uma visão a respeito das epistemologias africanas e o desafio que é percorrer conceitos eurocêntricos do feminismo. Após este momento, em nossa análise, estudamos a carga singular de opressões que a protagonista do conto enfrenta e como ela as subverte – ponto em comum com a vida da autora. Para tal, tomamos como apoio as considerações de Collins (2016) e Davis (2016).

Do Pensamento Decolonial

Para Fraçoise Vergès (2020), a decolonialidade, enquanto parte de uma outra visão feminista, não se trata de ‘uma nova onda’, tampouco de ‘uma nova geração’, mas sim de uma nova etapa no processo de decolonização, que é um processo histórico (Cf. VERGÈS, 2020, p. 36). Os movimentos feministas, para a autora, não somem e reaparecem; pelo contrário: eles estão sempre em um processo de deslocamento e mobilidade.

³ Publicado, originalmente, na revista modernista *Fire!!*, conhecida pelas publicações de autores (as) pretos durante o período da *Harlem Renaissance*.

Desse modo, a estudiosa delimita esta perspectiva não como algo que vai e volta, como se entende pela metáfora da onda, ou como um deslocamento que, ao se insurgir, traz à tona um novo nascimento do movimento, tão logo prestes a morrer para poder renascer novamente. Quebra-se assim, também, a ideia do feminismo enquanto esse movimento uniforme que, universalizado, atente às demandas das mulheres de modo geral, e dá-se o espaço para se atender às pluralidades.

Ora, Vergès (2020), em sua perspectiva decolonial, busca dar espaço às singularidades das mulheres enquanto um grupo de indivíduos múltiplos, com suas idiossincrasias. Logo, para a estudiosa, não se pode tratar o feminismo enquanto um movimento, mas sim como conjuntos múltiplos de movimentos; não apenas como feminismo, mas sim como *feminismos*. A respeito disso, ela afirma que esta visão desestabiliza, igualmente:

o feminismo civilizatório que, ao transformar os direitos das mulheres em uma ideologia de assimilação e integração à ordem neoliberal, reduz as aspirações revolucionárias das mulheres à demanda por divisão igualitária dos privilégios concedidos aos homens brancos em razão da supremacia racial branca (VERGÈS, 2020, p. 37).

A crítica de Vergès se firma na ideia de que um feminismo singularizante, que cede a uma ordem neoliberal de assimilação, não é capaz de fazer-se continuamente crítico e mutável, dando espaço para as diferentes perspectivas. Logo, tal tipo de feminismo, não sendo transgressor, torna-se civilizador, que perigosamente dialoga com a supremacia branca.

Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2020, p. 86), consoante à crítica de Vergès (2020), afirma que quaisquer estudos sérios que tratem do lugar do “gênero” em realidades africanas devem necessariamente levantar questões sobre os conceitos bem como as abordagens teóricas vigentes. Estendendo isso à comunidade americana, enquanto herdeiros da tradição racista-patriarcal europeia, faz-se necessário, também, estudar as relações de gênero e raça tomando como mote a decolonialidade.

Ora, a esse respeito o que é decolonialidade? Como diferenciá-la da descolonização? Vergès (2020, p. 41) esclarece:

[...] a colonização é um acontecimento/ período, e o colonialismo é um processo/ movimento, um movimento social total cuja perpetuação se explica pela persistência das formações sociais resultantes dessas

sequências. Os feminismos decoloniais estudam o modo como o complexo racismo/sexismo/eticismo impregna todas as relações de dominação, ainda que os regimes associados a esse fenômeno tenham desaparecido.

A estudiosa afirma, ainda, que a noção de colonialidade se faz relevante aqui porque muitas pessoas seguem acreditando que o colonialismo acabou, quando, na verdade, as instituições de poder continuam sendo estruturadas pelo racismo (VERGÈS, 2020, p. 42). Com isso, a descolonização considera o fim da colonização como realidade material, ao passo que a decolonização a entende enquanto uma herança herdada da Europa, que segue uma estrutura ainda viva e dominante.

É com base nas ideias de Oyèrónkẹ que, na seção a seguir, elencaremos como tais noções se configuram na vida da protagonista do conto “Sweat”, de Zora Neale Hurston.

Feminismo e decolinialidade em “sweat”, de zora neale hurston

A narrativa de *Sweat* é centrada na vivência de Delia, uma lavadeira que trabalha para pessoas brancas, e Sykes, seu marido abusivo. Desde o início, um fator que merece nossa atenção é justamente a rotina extenuante de trabalho a qual a protagonista está submetida. Este fator delimita à alusão feita desde o título da narrativa (“sweat” = suor), e que se estende ao longo do texto. Vejamos:

It was eleven o'clock of a Spring night in Florida. It was Sunday. Any other night, Delia Jones Would have been in bed for two hours by this time. But she was a washwoman, and Monday morning meant a great deal to her. So she collected the soiled clothes on Saturday when she returned the clean things. Sunday night after church, she sorted them and put the white things to soak. It saved her almost a half day's start (HURSTON, 1995, p. 73).⁴

O cotidiano de Delia, por ser tão exaustivo, demandava dela uma programação de sua rotina. No excerto acima, tem-se o exemplo do planejamento da personagem em relação à segunda-feira, dia de muito trabalho para ela, tendo em vista que a sua profissão era de lavadeira. Logo, ao chegar da igreja no domingo à noite, ela separava as

⁴ Optamos, no corpo do nosso trabalho, em preservar as citações do texto no original em inglês por dois motivos: a) não há traduções deste conto para o português; b) uma possível tradução feita pelos autores poderia, potencialmente, empobrecer o texto literário, considerando as especificidades do uso do dialeto afro-americano no original em inglês.

roupas e colocava as peças brancas de molho. Como o trecho acima esclarece, isso a poupava meio dia de trabalho nas segundas.

Esse planejamento de Delia serve para exemplificar como as mulheres pretas tentam navegar os sistemas de opressão que atravessam suas vidas. Vergès (2020, p. 19), afirma que a relação dialética construída entre os corpos evidencia como raça, gênero e o heteropatriarcado ilustram como o neoliberalismo tende a funcionar. Eis a relação entre o corpo eficiente – branco, descansado, saudável e, conseqüentemente, funcional – e o corpo invisível – preto, cansado, insalubre e explorado. O primeiro descansa ao passo que o segundo trabalha; o primeiro está limpo, ao passo que o segundo limpa a sua sujeira; e, é por estar sempre limpando, a serviço do corpo branco e lidando com aquilo que é considerado sujo, que tal corpo deve ser invisível. A subjugação de um, leva ao destaque/privilégio do outro.

Essa organização econômica, herdada da escravidão, tende a atingir os corpos pretos em geral, no entanto, aflige com mais força as mulheres. Imersas neste sistema, as mulheres tendem a lidar com a pluralidade das opressões dialeticamente. O gênero, a economia se fundem, estabelecendo as relações de poder heteropatriarcal. Isso pode ser exemplificado, no conto, a partir do excerto abaixo:

Looka heah, Sykes, you done gone too fur. Ah been married to you fur fifteen Years, and Ah been takin' in washin' fur fifteen years. **Sweat, sweat, sweat! Work and sweat, cry and sweat, pray and sweat!** [...] What's it goy todo with you, Sykes? Mah tub of studs iis filled yo' belly with vittles more times than yo' hands is filled it. Mah sweat is done paid for this house and Ah reckon Ah kin keep on sweatin' in it" (HURSTON,1995, p. 75 – grifo nosso).

O casamento de quinze anos marca uma jornada de constante opressão: quinze anos lavando roupa, quinze anos casada; suando e trabalhando, suando e chorando. Mesmo exausta, Delia segue sustentando a casa e seu marido, chegando a pagar pela casa em que moram. A protagonista se torna, assim, a provedora do lar, ao passo que sua exploração dá subsistência ao seu marido.

Inúmeras mulheres fazem parte de um sistema parecido, pois, sem elas, as pessoas não poderiam “ocupar seus escritórios, comer em refeitórios, realizar reuniões, tomar decisões em espaços asseados onde lixeiras, mesas, cadeiras, poltronas, pisos,

banheiros, restaurantes foram limpos e postos à sua disposição” (VERGÈS, 2020, p. 24). Logo, a economia, tal como tem se configurado, colocou a exploração das mulheres e seus corpos pretos, como base para seu funcionamento.

Michel Foucault (2007, p. 142) afirma que a relação que delimita os espaços do masculino e do feminino é uma herança da Antiguidade e que influencia as relações de gênero até à atualidade. Como ordem advinda dos deuses, o homem teria que sair, viajar, para poder trazer provimentos ao lar. Ele caçava e pescava, ao passo que a mulher ficava em casa, fazendo a manutenção do lar. Faz-se necessário notar, todavia, que as considerações do estudioso são atravessadas pela sua vivência de homem branco e europeu. Ora, Davis (2016, p. 35), aponta que, durante a escravidão, por exemplo, tão diferenciação não se aplicava. O trabalho braçal, externo ao lar, era feito por mulheres também, a mulher acabava herdando “o terrível fardo da igualdade em meio à opressão” (*Ibidem*, 2016).

A exploração toma como base a subjugação desses corpos. O julgo do branco sobre o preto faz uma definição daqueles(as) privilegiados em relação aos explorados. No entanto, nem tudo se finda na opressão. A respeito disso, podemos conferir como, na narrativa, Delia começa a usar das opressões pelas quais passou como motivo de libertação:

She lay awake, gazing upon the debris that cluttered their matrimonial trail. Not an image left standing along the way. Anything like flowers had long ago been drowned in the salty stream that had been pressed from her heart. **Her tears, her sweat, her blood** (HURSTON, 1995, p. 75 – grifo nosso).

É a partir do entendimento que cerceia a sua vida que a protagonista se compreende nessa relação dialética de opressões. Ela passa por uma rotina cansativa e de exploração que lhe permite, paradoxalmente, certo poder sobre o marido, uma vez que ele enquanto homem, posição tradicional de domínio, não tem um trabalho, não se estrutura na figura patriarcal de domínio; em contraposição, Delia sustenta a casa, e dá uma base para que ambos ali vivam. Olhando, assim, para “as águas salgadas” (suor, lágrimas) que atravessam a sua existência, preenchendo o seu coração, ela foi capaz de reerguer, entendendo a si mesmo não como uma criatura subjugada, mas sim como um indivíduo com controle sobre a sua própria vida. Tal tipo de autodefinição, para

mulheres pretas, é, de acordo com Patricia Hill Collins (2016, p. 104), muito significativo. Nas palavras da estudiosa:

Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos.

Assim, a autodefinição, isto é, o entendimento sobre si mesma, é uma das ferramentas que faz com que as mulheres pretas tem mais controle sobre suas respectivas experiências. Tal ferramenta valida tanto o poder quanto a existência dessas mulheres como um indivíduo pleno, tal como seres humanos. É dar a si mesmo, enquanto sujeito explorado, a humanidade que tanto tem lhe sido negada.

No entanto, esta jornada de autodefinição não é tão facilmente alcançável. Muitos são os abusos sofridos pelas mulheres até chegarem a esse momento em suas vidas. Tomando a protagonista da narrativa em análise como exemplo, é visto, ao longo do texto, os mais diversos abusos pelos quais ela passa. Um desses abusos é o físico: “Too much knockin’ will ruin any ‘oman. He done beat huh ‘nough tuh kill three women, let ‘lone change they looks”, said Elijah Moseley (HURSTON, 1995, p. 76-77).

A comunidade em que Delia mora é testemunha dos abusos sofridos pela mesma. Eles, continuamente, presenciam a rotina enfadonha não somente de trabalho, como também de violência. É observado, no trecho supracitado, que a violência física pode arruinar qualquer mulher e, conseqüentemente, mudar a sua aparência. Os vizinhos ainda trazem à tona o fato de que, Sykes, marido da protagonista, ter usado violência física o suficiente para matar até três mulheres, e sua esposa, ainda assim, suportou tudo.

A violência física é um dos fatores que contribuem para a deterioração da aparência de Delia, e isto é, também, uma das desculpas que seu marido usa contra ela, a sua aparência. Seu suor, advindo dessa violência e da rotina de trabalho, tiraram a sua beleza que, no início do seu matrimônio tinha um corpo considerado mais desejável, mas que, ao longo dos anos, foi definhando.

Cumprir notar, também, que esta não era a única violência que cerceava a vida de Delia. Para além dos maus tratos físicos, ela também sofre abusos morais, quando é publicamente humilhada pelo seu marido, ao ponto dele trazer a sua amante para dentro de casa; também há o abuso psicológico, quando Sykes usa, por exemplo, um cinto para simular uma cobra; e, por fim, há também o abuso patrimonial, no qual seu marido chega a ameaçar expulsar sua esposa – e principal provedora daquele lar – a ser expulsa de sua casa.

Não obstante, ela consegue subverter essa ordem ao alinhar-se consigo mesma, quando confronta Sykes e, uma vez feito o deslocamento do silêncio à fala, percebemos como o texto exprime outra perspectiva de Delia: mais forte e autoconsciente. A respeito disso, hooks (2019, p. 38-39) afirma:

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta.

E é neste processo de transição, empoderamento e crescimento da personagem que seu confronto com o marido fica cada vez mais acentuado. No início do conto, Sykes usa um cinto para simular uma cobra e assustar Delia. Ele faz isso porque sabe que sua esposa tem medo de cobras e logo pretende assustá-la. A protagonista, no entanto, não se subordina, mas reage imediatamente: “Don’t think Ah’m gointuh be run ‘way fum mah house neither. Ah’m goin’ tuh de white folks about *you*, mah young man, de very nex time you lay yo’ han’s on me” (HURSTON, 1995, p. 82 – grifo da autora).

A exploração provinda de seu trabalho, paradoxalmente, dá a Delia um tipo de privilégio sobre seu marido: por trabalhar como lavadeira para pessoas brancas, ela tem contatos que ele não tem, figurando, deste modo uma relação de poder que subverte o padrão tradicional de um casamento, onde o marido, que costumava ser o principal provedor do lar, torna-se dependente da esposa. Isso dá a Delia suporte para que ela reaja aos abusos matrimoniais.

Além disso, faz-se necessário notar que o cinto, este símbolo de dominação e violência, é um elemento textual que serve como um *foreshadow* (prenúncio), ou em

termos narratológicos, uma prolepse (GENETTE, 1979), que indica o que virá a seguir. É ao fim do conto que Sykes usa uma cobra de verdade, desta vez para machucar Delia, fazendo com que a casa fosse só dele. No entanto, a cobra acaba picando o próprio Sykes⁵, que ao fim do conto está no chão, clamando pela ajuda e misericórdia de sua esposa.

Esta cena representa a subversão das relações de dominação e poder que o sistema heteropatriarcal estabelece. É simbolicamente interessante notar que o marido, ao fim do texto, esteja no chão, clamando pela misericórdia da esposa que ele tanto violentou; ao passo que ela, de pé, olhando para ele de cima para baixo, não reaja imediatamente, deixando-o sofrer, e lidar com o seu destino que, naquele ponto, certamente seria a morte.

Considerações finais

Observamos, neste artigo, como uma mulher preta pode ser representada a partir de pressupostos dos Estudos Decoloniais. Com isso, fizemos uso do conto “Sweat”, de Zora Neale Hurston, uma autora estadunidense. Entendemos como a vida dessas mulheres é, tradicionalmente, atravessada por uma carga de opressões diferentes, e como é possível subvertê-las.

Logo, as considerações de Vergès (2020), Davis (2016), Collins (2016), e os (as) demais estudiosos (as) que fomentam a base teórica deste estudo nos foram de primordial importância para compreender como os fatores inerentes a essas opressões não somente dialogam entre si, mas como eles, também, podem ser compreendidos a partir de uma visão mais dimensional que o estudo da decolonialidade pode viabilizar.

Observamos, então, que Delia, protagonista do conto, foi, ao longo do casamento, explorada de maneira constante. Essas opressões, atreladas às configurações do sistema matrimonial, heteropatriarcal e colonial, atravessam a sua existência cerceando a sua vida. Esse texto de Hurston, no entanto, toma um tom mais otimista sobre esse processo: ao invés de encerrar a narrativa num tom trágico que apenas evidência as violências que a protagonista sofre, a autora traz à tona quais elementos podem ser usados para confrontar e subverter esse domínio.

⁵ A palavra “Sykes”, no inglês, além de ser usada como um nome, pode também significar “pegadinha”. Eis a lógica de Hurston em nomear o marido de Delia assim: ele constantemente prega peças em sua esposa, torturando-a psicologicamente.

Para dar suporte à esta constatação, reforçamos que estes elementos podem ser apresentados como ferramentas tais quais o trabalho, que lhe dá uma rede de contatos superiores ao marido e que a viabilizam o seu sustento, bem como o domínio sobre a sua casa, até um outro elemento que parte de dentro da personagem para o mundo: o seu entendimento sobre si mesma, o seu poder de autodefinição.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem os escritos de autoras que tratem das vivências de mulheres não-brancas, em especial, daquelas que fogem ao círculo tradicional do mercado editorial. Esperamos que esta proposta possa contribuir para indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores dos estudos decoloniais.

Referências

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Soc. Estado*. [online]. 2016, vol. 31, n. 1, pp. 99 – 127.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitemplo, 2016.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 18. ed. São Paulo: Graal, 2007.

GATES, Henry Louis; LEMKE, Sieglinde. Introdução. In: HURSTON, Zora Neale. *The complete stories*. 1. ed. Harper Perennial, 1995.

GATES, Henry Louis. Posfácio. In: HURSTON, Zora Neale. *The complete stories*. 1. ed. Harper Perennial, 1995.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Arcádia, 1979.

HURSTON, Zora Neale. HURSTON, Zora Neale. *The complete stories*. 1. ed. Harper Perennial, 1995.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Trad. Jamille Pinheiro e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WALKER, Alice. In Search of Zora Neale Hurston. In: HURSTON, Zora Neale. *The complete stories*. 1. ed. Harper Perennial, 1995.

**THE BLACK WOMAN AND HER AFAN: A DECOLONIAL READING OF
“SWEAT”, BY ZORA NEALE HURSTON**

ABSTRACT

The colonial thought has gained more and more within the work environment, enabling the reading of new literary productions, as well as revisiting the space as canonical from other perspectives. It is based on this that in this work we aim to make a feminist reading of “Sweat” (1926), by author Zora Neale Hurston. To this end, we used the contributions of Vergès (2020), Davis (2016), Collins (2016), among others. Our study projects that the voice of black women and their idiosyncrasies brings a specific look to the oppressions of gender, race and class and that, in a decolonial perspective, decentralize and highlight the hegemonic notions of domination.

Keywords: Feminism, Decolonial Thought, Zora Neale Hurston.

Recebido em: 10/07/2022

Aprovado em: 05/11/2022